

## ÀS MARGENS DA JAGUARÃO: VIAGEM ETNOGRÁFICA ENTRE OS CERROS E OS RIOS

JULIANA DOS SANTOS NUNES<sup>1</sup>; JOANNA MUNHOZ SEVAIO<sup>2</sup>; VAGNER BARRETO RODRIGUES<sup>3</sup>; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rodaviva.nunes@gmail.com](mailto:rodaviva.nunes@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [jmsevaio@gmail.com](mailto:jmsevaio@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [vgnrbrrt@gmail.com](mailto:vgnrbrrt@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [riethuf@uol.com.br](mailto:riethuf@uol.com.br)

Este trabalho busca refletir coletivamente a experiência da viagem etnográfica “Às margens da Jaguarão - entre os cerros e os rios”, realizada em 23 de junho de 2018 à cidade de Jaguarão/RS. A iniciativa contempla os debates em andamento no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), que integra o Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a respeito das regiões fronteiriças e de suas *margens* culturais, com destaque para a sociabilidade e a organização dos coletivos negros em Jaguarão.

A formação militar de Jaguarão tece relações profundas com a localização fronteiriça, desde sua fundação como acampamento militar, em 1802. Do mesmo modo, o passado charqueador do Rio Grande do Sul contribuiu na formação de uma elite latifundiária local, detentoras de poder econômico e político, via uso de mão de obra escravizada no fornecimento de gado para a produção saladeril da região e das proximidades, como Pelotas/RS. (ALFONSO; RIETH, 2016).

Tais elites contribuíram para uma série de dinâmicas sociais ao longo do século 19, com a construção de grandes obras em conformidade com inovações nacionais e internacionais. Ao mesmo tempo, os casarões e prédios públicos do centro da cidade reproduziam as transformações da arquitetura do período, processos em paralelo a formação das periferias urbanas, que se constituíram pela migração do campo e no processo de pós-abolição, em meio a uma “tempestade chamada progresso”. (BENJAMIN, 1987; DAWSEY, 2006).

Nesse sentido, Jaguarão, com seu posicionamento estratégico *entre* Brasil e Uruguai, é ponto de partida e de chegada para o encontro etnográfico, tendo como pressuposto que caminhar pela paisagem implica ir de encontro a um mundo que ainda não está pronto, ou que ainda está por vir. (TURNER, 2008). Para INGOLD (2015, p. 30, grifos do autor),

as coisas encontram-se *a caminho* de serem atualizadas, ou dadas. Essa vida não pode ser encontrada num registro de realizações, e tampouco pode ser reconstruída como um *curriculum vitae*, através do arrolamento de certos marcos fixados ao longo de uma rota já percorrida. Ela passa pelos marcos como um rio entre as margens, se afastando deles à medida que vai fluindo.

Tal como insinua De Certeau (2007), os relatos assemelham-se a transportes coletivos, por meio dos quais se pode acessar as memórias espacializadas de um lugar. Como andarilhos, nos propomos a encontrar e descrever Jaguarão - e suas margens - levando em conta a diversidade de arranjos possíveis e a criatividade com que os moradores apropriam-se das cidades, por meio de seus caminhos e descaminhos. Assim, este breve relato etnográfico coletivo foi construído a partir da pretensão de se embarcar na história e nas narrativas sobre Jaguarão.

## 2. METODOLOGIA

O trabalho etnográfico se iniciou com a elaboração de um roteiro etnográfico juntamente com coletivos negros da cidade. O percurso da caminhada orientou

as percepções da cidade de Jaguarão, a partir dos bairros, cerros, rios e territórios negros, ou seja, buscando as *margens*, entendida como uma posição de destaque, um local estratégico para a compreensão de histórias de esquecimento. (DAWSEY, 2012). A partir da perspectiva de De Certeau (2007) buscou-se as mais variadas formas de se viver, ouvir e ver a cidade de Jaguarão, por se tratar de um lugar em fronteiras, um espaço entre culturas, mediado pelo Rio.

No roteiro foram escolhidos os seguintes lugares: Cerro da Pólvora, com visita à Enfermaria Militar, Cerro das Irmandades, Cemitério e Trono do Sol, Bairro Vencato, Gruta de Oxum na beira do Rio, Clube Social Negro 24 de Agosto, Orla do Rio Jaguarão com vista para a Ponte Internacional Mauá (hoje patrimônio binacional), Mercado Público (figueiras centenárias) e por fim o Ilê da Mãe Nice de Xangô.

Além disso, foi recomendada a realização de etnografia, por meio da elaboração de diários de campo, desenhos e fotografias, buscando registrar expressivamente a experiência de campo. A seguir, serão expostas, de forma textual, algumas das impressões dos autores.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira parada foi no Cerro da Pólvora, lugar onde se localiza a antiga Enfermaria Militar, construída para atender a classe militar da cidade, entre 1880 e 1883. O monumento chama atenção pela arquitetura eclética cravado no alto duma coxilha. Ao descermos da van em que estávamos, o frio tocado pelo vento encontrou a todos, aquele frio de água, vindo direto do Jaguarão, aquele frio entrando carne adentro e que se sente em cidades banhadas por água. A história escondida nos escombros da Enfermaria traz a indagação que preenche toda a viagem à Jaguarão: afinal, quem detém a História? E, de fato, quem a constrói? O descompasso entre o que se conta e o que se vive estão inscrito no concreto, que apaga e constrói narrativas sobre a cidade. Impressionou também o estado atual do prédio, oficialmente em desuso desde os anos 1970, que constitui como dupla negação: do direito dos sujeitos de usufruírem do espaço e, também, pela inconclusão do projeto que visava transformá-lo em um Centro de Interpretação do Pampa (CIP), em parceria com a Unipampa.

Os mortos também têm histórias de esquecimento a contar sobre Jaguarão. Por isso, a segunda parada foi o Cerro das Irmandades, em especial o Cemitério das Irmandades, construído em meados do século 19 e lugar de descanso dos restos mortais de figuras “importantes”. As suntuosas lápides e mausoléus, marcados com sobrenomes que estampam os jornais e os livros sobre a “história oficial” da cidade, ficam circundados por lápides de sujeitos quase anônimos, literalmente apagados: mulheres e homens negros, pequenos “minaretes”, mulheres tristonhas com penteados elaborados. Nas margens do cemitério, do lado de fora do muro, diversos despachos - ou “trabalhos” - de religiões de matriz afro, ressignificam o espaço e demonstram presenças vivas.

A força da chuva nos obrigou a fazer o trajeto no Bairro Vencato dentro da van. Assim, a mestrandia Fladiane Teixeira explicou a origem da comunidade, com suas ruas não demarcadas na fronteira com outros bairros, mas reconhecidas como território pelos moradores. Vimos também algumas rotas de encontro, como a Escola Pato Donald, antiga Vovó Nenéca, e a Praça, locais de socialidade e pedaços de lazer. Como todo bairro, existem os locais de *perigo*, de onde devem ser afastadas as crianças, que circulam pelas ruas. O bairro impressionou a todos e todas, era de fato uma Jaguarão real, visão de uma

cidade ao revés, viva, complexa e contraditória, mas pouco lembrada nas histórias que a cidade conta sobre si.

Sob chuva torrencial, a terceira parada foi a “Gruta de Oxum”, construída em homenagem à mãe das águas doces, no ano de 1987. Aquele espaço é símbolo das lutas que o povo de terreiro têm travado para ocupar a cidade. As inúmeras depredações relatadas pelo interlocutor Leandro de Xangô são expressões da intolerância religiosa e do racismo estrutural que permeiam as relações raciais em Jaguarão, o que manifesta-se no ataque às manifestações religiosas de matriz africana. (KOSBY, 2017). Apesar disso, a presença do monumento no seio do tecido urbano é como uma fonte de resistência, que brota asfalto para matar a sede de Jaguarão.

No almoço, os cheiros e sabores da comida caseira foram compartilhados pelo grupo que visitava Jaguarão. Dessa experiência, o mais interessante foi o acesso a uma Jaguarão que não está contida na monumentalidade arquitetônica do centro histórico. As “charlas”, o riso, o afeto são elementos que dão particulares conotações às narrativas compostas na dimensão do vivido, na multivocalidade das manifestações culturais. O que é a cidade, afinal? Se não um compilado de experiências e narrativas compartilhadas e registradas no tempo e no espaço.

Partimos para o Clube 24 de Agosto. Seu Madruga, presidente do Clube, nos introduziu às memórias e lutas promovidas pelos membros do “24 de Agosto”, fundado em 1918, por um grupo de amigos liderados por Theodoro Rodrigues e Malaquia de Oliveira, muitos desses homens estavam ligados ao exército, porém eram impossibilitados de frequentar os demais espaços festivos, recreativos e de sociabilidade de cidade (NUNES, 2010). Os bailes de carnaval são motivo de orgulho do passado e de projeção para o futuro. No presente, os bailes de domingo têm lugar de destaque entre os eventos promovidos. Com o reconhecimento patrimonial dado pelo Rio Grande do Sul, em 2012, e a constituição do Ponto de Cultura, as demandas de reconhecimento foram direcionadas para a arena do Estado, o que já ocorria desde a fundação, por meio da presença e persistência dos coletivos negros em luta por espaços para sociabilidade e realização de práticas cotidianas. Mais que isso, cabe aqui ressaltar a importância do lugar para a manutenção da memória e história da cultura negra na cidade. Através do Clube é possível observar uma disputa simbólica e política por espaço e é justamente nisso que reside sua importância enquanto patrimônio cultural vivido e compartilhado pelos detentores.

O caminho, percorrido pelas margens do rio Jaguarão, próximo ao Clube 24 de Agosto, contempla a Ponte Internacional Mauá por onde todos os dias circulam pessoas, objetos, alimentos e culturas. Das margens do rio, coloridas com barcos, caminhamos para as figueiras centenárias que circundam o antigo Mercado Público. Ali, a escravidão está presente em toda sua materialidade: os grilhões sempre prontos para prenderem as formas de ser e de estar na cidade. Por isso, é tão emblemático que nossa última parada seja no Ilê Axé Mãe Nice D’ Xangô, fundado em 26 Setembro de 1987. Lá, os interlocutores são enfáticos ao relatarem a importância de afirmar-se nos espaços públicos, e, sobretudo, demarcar a negritude na e da cidade. A luta contra o preconceito religioso e racial passa, portanto, pela necessidade da união e do resgate do encontro como motor das práticas do cotidiano.

O terreiro de candomblé traz um combinado de cores, cheiros e sensações, compartilhados através da realização de um amalá, oferecido ao grupo. A ancestralidade que ecoa ali dentro resiste também em cada pedaço de

Jaguarão, centenária e construída com a exploração do trabalho escravo, apesar das sistemáticas tentativas de silenciamento.

#### 4. CONCLUSÕES

Portanto, a Jaguarão observada é uma Jaguarão em que existem muitos nós: múltiplas formas de ser, de habitar e de estar na cidade. Algumas sutis como uma bruma, outras com a potência de um rio. Nesse sentido, o modelo hegemônico relatado como oficial, recorta determinada temporalidade como o período clássico da cidade, operando para isso uma seleção que produz diversos silenciamentos.

A interlocução com a comunidade, é essencial para a construção de roteiros que busquem contemplar a diversidade de usos e ocupações na cidade, no tempo e no espaço, sem deixar de olhar criticamente para os monumentos e discursos oficiais. Enfim, o que interessa aqui é a cidade tão somente conforme ela é praticada, o que põem em risco modelos simples de interpretação, conforme a criatividade e a inventividade dos grupos.

A partir do ponto de vista das comunidades e coletivos negros, é possível identificar novas possibilidades de circulação e de existência pela cidade, acompanhando percursos de vidas marcados pelo preconceito, pela resistência e pela sociabilidade.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSO, Louise; RIETH, Flávia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto bem cultural. SCHIAVON, C. B.; PELEGRINI, S. (Orgs.). **Patrimônios plurais: iniciativas e desafios**. Rio Grande: Ed. da FURG, p. 131-147, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. SP: Editora Brasiliense, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. V. 1. Petrópolis: Vozes, 2007.

DAWSEY, John. A grota dos novos anjos mineiros: imagens do campo na cidade. **Revista USP**, São Paulo, v. 69, n. 69, p. 135-148, 2006.

\_\_\_\_\_. Bonecos da Rua do Porto: performance, *mimesis* e memória involuntária. **Ilha**, Flórida, v. 13, n. 1, p. 185-219, 2012.

INGOLD, Tim. O dádalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.

KOSBY, Marília Floor. **Alma-carçoço: peregrinações com cabras negras pelo extremo sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFRGS, 2017.

NUNES, Juliana dos Santos. **“Somos o Suco do Carnaval”**: A marchinha carnavalesca e o cordão do Clube Social 24 de Agosto. Monografia (Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.